

O Globo

10/6/1984

## BÓIAS-FRIAS

### Paz de Guariba acalma o campo pelo menos até o fim da safra

*SÃO PAULO — Os acordos firmados entre cortadores de cana e usineiros na região de Ribeirão Preto, em São Paulo, podem não significar uma paz muito longa nos campos habitados por bóias-frias. Entidades como sindicatos rurais, Federação dos Trabalhadores e a própria Federação da Agricultura de São Paulo temem a possibilidade de novos conflitos entre bóias-frias e empregadores a se originarem nas relações de trabalho que regulamentam a atividade braçal no campo.*

— O bóia-fria foi criado pelo milagre econômico que surgiu depois de 1964. Os Acordos salariais firmados em Guariba e estendidos para o resto do Estado são um paliativo. Quando a safra acabar e esse pessoal ficar desempregado, a coisa preteja novamente e não quero nem pensar no que pode acontecer — afirma o Presidente do Sindicato Rural de Bauru, Maurício Lima Verde Guimarães, que é também Presidente da comissão técnica de cafeicultura da Federação de Agricultura de São Paulo.

— Se não houver sensibilidade por Parte do Governo e dos proprietários rurais, o clima, que é tenso, pode ficar pior ainda. Nós esperamos que não haja violência, mas como pedir para um trabalhador que está passando fome para não perder a cabeça? — pergunta o Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de São Paulo (Fetaesp), Roberto Toshio Horiguti.

Já o medo do Presidente da Federação da Agricultura (Faesp), Fábio Meirelles, é a possibilidade de desemprego dos bóias-frias:

— O trabalhador rural sempre ganhou acima do salário mínimo, mas atualmente corre o risco de desemprego por causa dos migrantes que chegam de Minas e Paraná e até flagelados nordestinos que vêm, trabalham uma safra para formar um pecúlio e voltam para seus Estados de origem.

### "ACORDO DE CAVALHEIROS"

Outro aspecto ruim para as relações entre bóias-frias e empregadores, é citado pelo professor do Departamento de Economia da Unicamp, José Graziano da Silva: Segundo ele, a negociação desenvolvida em Guariba, após conflitos que resultou em um morto, foi apenas um "acordo safrista de cavalheiros", sem valor legal porque não foi registrado pela Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, o que elimina sanções à parte que venha transgredi-lo.

A não legalidade do acordo de Guariba é confirmada pela Federação da Agricultura que, por outro lado, responsabiliza a Federação de Trabalhadores:

— Até hoje nunca houve acordo entre as partes, pois são os tribunais que têm decidido os acordos, mas as grandes dificuldades nas negociações foram criadas pela Fetaesp, cujos dirigentes têm evitado encontrar-se com os da Faesp — acusa Fábio Meirelles.

### AUMENTO REAL

A possibilidade de não cumprimento do que foi firmado em Guariba, contudo, não é o único problema imediato para os bóias-frias. Cálculos do professor José Graziano, da Unicamp, revelam que o acordo não foi tão vantajoso a ponto de merecer festejos. Por trás dos 300 por cento de aumento nos salários (em 83 o corte de uma tonelada de cana valia 400 passando,

após o acordo, para Cr\$ 1.660 a 1.740, chegando a dar um rendimento mensal de até Cr\$ 500 mil) está um ganho real, segundo José Graziano, de apenas 40 por cento, se comparados os índices atuais do INPC aos de maio do ano passado. No total pago pela tonelada de cana cortada, lembra o professor, estão embutidos os benefícios de 13º salário, férias e descanso semanal remunerado.

— O problema todo é que, caso perdure até o final da safra uma inflação de 10 por cento ao mês, como tem acontecido, esse ganho de 40 por cento dos trabalhadores estará corroído em três meses — teme Graziano.

### **FALTA MÃO-DE-OBRA**

Mesmo assim, o aumento conquistado pelos cortadores de cana e apanhadores de laranja da região de Ribeirão Preto já despertam bóias-frias de outros pontos do interior de São Paulo. Em Monte Azul Paulista, perto de Bebedouro, já está faltando mão de obra para a colheita de café, arroz e milho, informa o Presidente do Sindicato Rural de Monte Azul, Sebastião Blanco Machado. Ele adianta que o parâmetro salarial da cana e laranja dificilmente será seguido pelo café e outras culturas.

— O agricultor já está descapitalizado, em especial o cafeicultor, e não terá condições de elevar os salários dos bóias-frias, sob pena de sérios prejuízos — justifica Machado.

Assim, os trabalhadores procuram resolver o problema à sua maneira. Um tratorista que prestava serviços ao fazendeiro Marco Aurélio Blanco, no Mato Grosso, já solicitou suas contas para trabalhar como apanhador de laranja no interior de São Paulo. Até os trabalhadores não rurais se sentem atraídos pelos aumentos conseguidos em Guariba. Um porteiro do Bebedouro Clube, em Bebedouro, preferiu pedir demissão para ir engrossar o exército de colhedores de laranja. Já o policial Aparecido Cassari, de Monte Azul Paulista, não chegou a pedir demissão do emprego em que ganha Cr\$ 160 mil mensais, mas durante suas férias parte para as plantações de laranja para aumentar o orçamento doméstico.

### **UBERABA**

Apesar de todo o entusiasmo pelos aumentos, o acordo de Guariba ainda não foi o mais vantajoso. Numa greve de apenas um dia, e bem menos barulhenta, 3 mil cortadores de cana de Uberaba, no Triângulo Mineiro, conseguiram cláusulas em acordo firmado com usineiros em 22 de maio que, além de aumento no preço por tonelada colhida, conquistaram condições de trabalho que passam longe das dos seus colegas de Guariba.

Em caso de doença, por exemplo, os usineiros se comprometeram em pagar os 15 primeiros dias que o bóia-fria não trabalhar, ficando o resto por conta do Funrural. Além disso terão transporte e ferramentas gratuitos, roupas adequadas para o trabalho, primeiros socorros em caso de acidente de trabalho e pagamento do dia em caso de chuva ou falta de cana preparada para corte, desde que comprovada presença no ponto de embarque.

### **PARANÁ**

São Paulo não é o único Estado em que se teme a repetição dos conflitos de bóias-frias de Guariba. No Paraná, que tem um número destes trabalhadores igual ao dos paulistas — 550 mil — a situação também não é animadora. Neste Estado, entretanto, a causa de possíveis rebeliões de bóias-frias é diferente.

Segundo o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santo Antônio da Platina José Otávio, na zona Norte paranaense, onde se concentram 50 por cento dos trabalhadores rurais do Paraná, a situação tende a se agravar devido à mecanização dos trabalhos na terra e

o aumento das pastagens, com a conseqüente diminuição da oferta de trabalho. Hoje, afirma o Vice-Presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura, Agostinho Bucowski, apenas 30 por cento dos bóias-frias do Paraná conseguem trabalhar mais de 25 dias por mês.

Diante desse quadro, comum a todo Norte do Paraná, aumenta a preocupação de que possam acontecer revoltas entre os bóias-frias. Pessimista, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Renato Augusto Martin, diz que não causará espanto se começarem a acontecer saques e invasões de cidades pelos bóias-frias da região.

***(Página 16)***